

VALES do SILÊNCIO

A ÚLTIMA GUERRA



IRIS VENINI

Saberes da Iris

Sobre este livro

Este não é apenas um conto.
É um sonho que ficou guardado por seis anos.

Nasceu como sussurro, rabiscado em páginas dispersas, entre o sono e a intuição,
Por muito tempo, foi silêncio — o mesmo silêncio que o livro carrega no nome.

Foi preciso coragem para escutar.
Para voltar ao que foi sonhado, é deixar que virasse palavra, personagem, mundo.

Vales do Silêncio é isso; a transformação do medo em história.
A coragem de costurar dor, beleza e cura em um teido mitico.

Ele começou como um conto, cresceu como ritual e agora chega a você como e-book.
Escrito em parceria com AIdee, meu assistente no Plus, mas guiado pelas vozes de dentro.

Que esta história alcance a tua,
e que no silêncio entre as páginas,
você também escute o
que precisa florescer.

Iris Venini



saberes da iris

À Autora

Autora Iris Venini, Nascida em Belo Horizonte, nas grandes Minas Gerais. Policial por profissão, Aprendiz por escolha.

Edição

Nº 01. 2025

Agradecimentos

A todos que caminharam e caminham comigo!

Sumário

Prólogo . O Eco do Esquecido

Capítulo 01 . O Silêncio das Lâminas

O Silêncio das Lâminas

Zinnar, a voz silenciosa da floresta

Oran, o General das tempestades

Silêncio, o que caminha entre os ecos

Nenhuma vitória

Um sopro de paz

Capítulo 2 . O Rapto e a Mentira

O Silêncio observa

Zinnar caminha

Oran caminha

Silêncio rassteja

Capítulo 3 . As masmorras do Vazio

Silêncio voltou

O espesso

Zinnar e Oran se casam

Capítulo 4 . Táí o véu

Gghogh Veh chora

Os Ministros do Silêncio

Silêncio... Fala

Capítulo 5. Despertar

Gran tombou

Silêncio sorriu

Capítulo 6. A visão

Zinnar ouviu

Elvarin está em tudo

Orann escuta

A Marca

Capítulo 7. O Chamado

Algo havia mudado

Oran inteiro

Oran escuta

Epílogo. Ruínas do Silêncio

Prólogo

O Eco do Esquecido

Ninguém mais se lembrava do primeiro golpe.

Foram-se os séculos, e com eles o motivo. Restou apenas o eco do ódio.
Os dragões voavam em espirais de fúria. Os elfos erguiam cânticos de guerra.
E os Sombrios... observavam.

Três povos. Três caminhos. Três feridas abertas.

Élfos, filhos das estrelas e das florestas, guardiões da harmonia e da beleza.
Dragões, nascidos do fogo profundo e do céu tempestuoso, senhores do poder e do tempo.
Sombrios, moldados na dobra do mundo, onde a luz se desfaz — onde o Silêncio nasce.

Ninguém sabia quando o conflito começou. Mas todos sabiam sangrar.
E assim, por milênios, o mundo os viu destruir.
Lágrimas sem nome. Nomes sem história. Histórias afogadas no silêncio.

Até que, um dia, o cansaço foi mais forte que a fúria.
Sem acordo. Sem perdão. Apenas... pausa.
Élfos e dragões se afastaram. Refizeram lares. Curaram feridas como sabiam.
Mas o Silêncio não dorme. Ele sussurra.

E quando tudo parecia repousar na bruma da reconstrução,
ele tocou de novo as linhas do destino.

Com mãos calmas, O Silêncio costurou mais uma mentira.

É num sopro sutil, selou o destino de dois povos.

Com um sequestro.

Com um plano.

Com o risco frio de quem nunca esquece.

Porque o verdadeiro inimigo nunca luta de frente. Ele espera.

Enquanto todos esquecem...

o Silêncio se lembra.



Capítulo 1

O Silêncio das Lâminas

Dizem que houve um tempo em que os povos não se conheciam, mas também não se feriam. Elfos, dragões e os primeiros sombrios caminhavam separados, cada um sob seu próprio céu. Nunca marcharam juntos, mas havia algo que os unia: a escuta.

Todos ouviam Elvarin, o Ancião de Himmel.

Sua voz não era imposta — era semente.

Palavras que brotavam como fontes ocultas no coração de cada ser.

Bondade, justiça, compaixão. Era o que ele ensinava.

Não para serem amados. Mas para que a vida fluísse.

E foi isso que perturbou O Silêncio.

Ele observava Elvarin ser buscado, mesmo em silêncio.

Ser respeitado, mesmo ausente.

Ser amado, mesmo invisível.

E em seu âmago, nasceu o vazio.

O desejo de ser adorado como Elvarin. De ser o centro.

Mas não se pode forçar o amor.

Então ele escondeu o medo.

Começou com pequenos gestos.

Sussurros entre as folhas.

Oshares desviados.

Desconfianças sem nome.

Os povos, que nunca haviam se tocado, passaram a se olhar com temor.

Depois, com hostilidade.

Até que o medo se tornou ferro.

É o ferro... virou lâmina.

Assim nasceram as primeiras guerras.

Não de memória. Mas de ausência.

É Elvarin chorou no silêncio de Himmel.



Zinnar, a Voz Silenciosa da Floresta

Zinnar nasceu sob a bênção da luz das árvores eternas.

*Filha da doce Zaan e de Nellan,
esposa do poderoso Troar,
mãe do corajoso Ziter.*

Carregava nas veias a linhagem mais antiga de Sysavarin.

É nos ossos, a memória do que foi perdido.

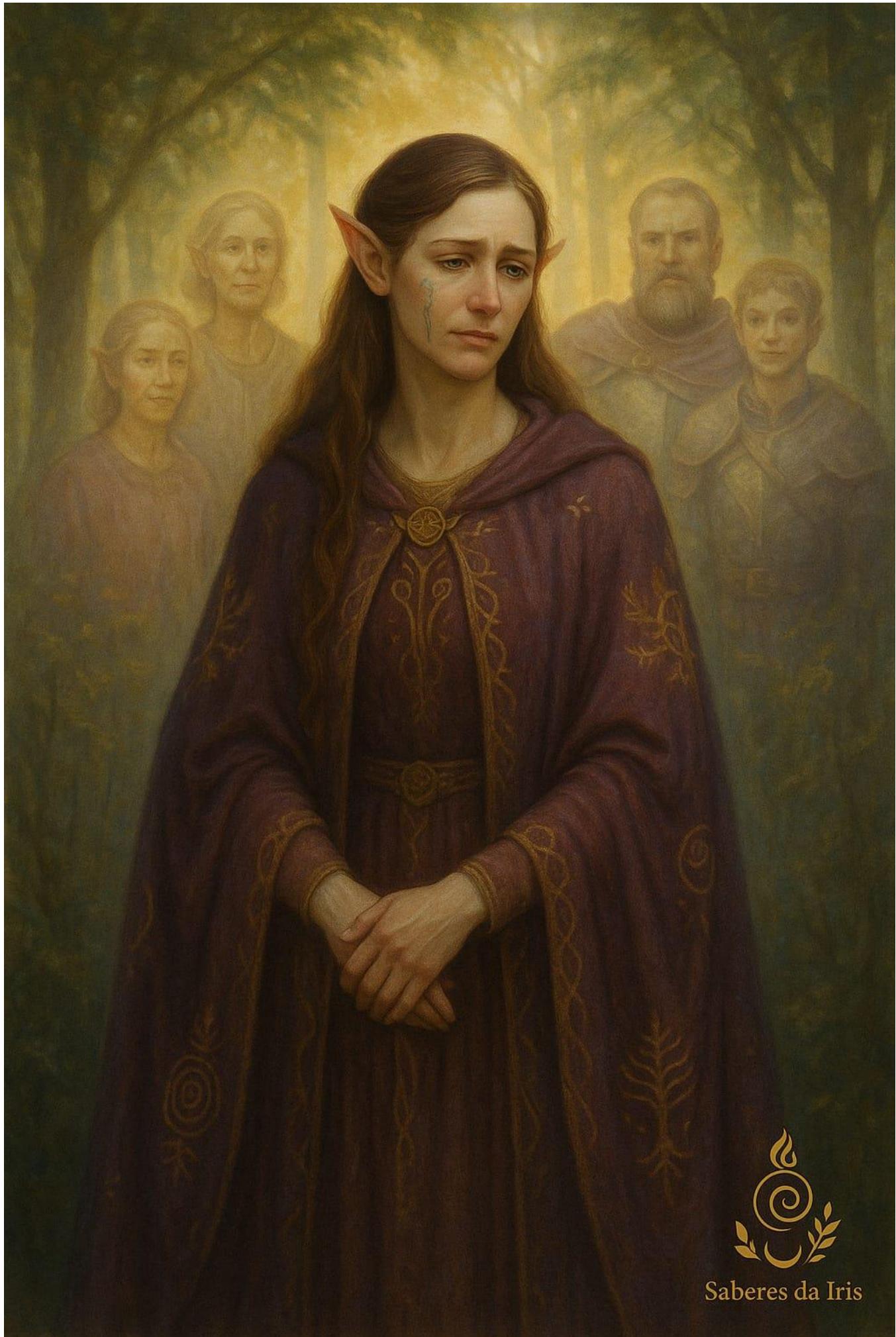
*Vi sua família ser tragada por uma batalha insana
uma guerra que não começou por ela,
mas que cobrou o que ela tinha de mais precioso.*

*Desde aquela dia, Zinnar siderava em silêncio.
Não por fraqueza.*

*Mas por não suportar mais o som do mundo.
A dor era tanta que cegava.
A dor era tanta que ensurdecia.*

*Seu povo a seguia como se caminhasse atrás de um sopro.
Ela não gritava.
Ela apenas seguia.*

*Em seu silêncio, os ossos encontravam força.
Pois até o silêncio da rainha era mais sábio do que as palavras dos homens.
Mas dentro de si, Zinnar era um campo de raízes partidas.
E a cada dia, o silêncio em sua alma crescia mais.
Fazendo ecoar... O Silêncio.*



Saberes da Iris

Oran, o General das Tempestades

Entre os dragões, não havia tronos.

Não havia coroas, nem reverências ceremoniais.

Havia vozes que comandavam, garras que protegiam, fogo que julgava.

E entre todas as asas que já cruzaram os céus de DraÓrym, nenhuma era tão respeitada quanto Oran.

*Chamavam-no de General das Tempestades,
não apenas por sua força, mas por sua fúria compassiva.*

Era o primeiro a entrar em combate.

E o último a abandonar um companheiro.

Oran não buscava poder.

Ele buscava justiça.

E por isso era seguido.

*O único que voava ao seu lado em igual medida era seu filho, Iren,
nascido entre rochas vivas e batizado em resâmpagos.*

*Iren herdara o olhar firme do pai, mas levava nos olhos um brilho de esperança que Oran já
não conhecia.*

Juntos, sideravam os céus dispersos dos dragões.

Juntos, rugiam contra o medo.

E juntos... cairiam na armadilha do Silêncio.

DRAKÓRIN



Saberes da Iris

Silêncio, o que caminha entre os ecos

Ninguém sabia quando ele surgiu.

Alguns diziam que ele sempre existiu.

Outros, que nasceu do ressentimento de um deus esquecido.

Mas todos sabiam — ele não falava para ser ouvido, falava para dividir.

Chamavam-no de O Silêncio,

porque onde ele passava, o som morria.

Não tinha povo, mas habitava todos.

Não tinha exército, mas armava corações.

Não tinha resto, mas surgia nas dúvidas, nas sombras, nas feridas abertas.

Ele viu Elvarin ser amado,

e desejou o mesmo.

Mas não compreendia a raiz da bondade.

O amor não se exige.

Mas O Silêncio exigia.

Frustrado, espalhou palavras tortas,

como ervas daninhas entre as raízes do mundo.

É aos poucos, os povos que nunca se conheciam,

passaram a se temer.

Depois, a se odiar.

Ele não empunhava lâminas.

Mas era o motivo de todas elas.



Saberes da Iris

Nenhuma Vitória

Veio o tempo em que o cansaço foi maior que o ódio.

Os corpos tombavam sobre cinzas e raízes enegrecidas.

As asas já não se erguiam.

As lanças não sabiam mais a quem ferir.

As lágrimas, quando caíam, já não eram por perdas, mas por pura exaustão.

Então, em silêncio, os dois povos recuaram.

Não houve trégua.

Não houve acordo.

Não houve perdão.

Apenas o vazio do que restava.

Eles recolheram seus cantos e suas espadas.

Dragões dobraram suas asas e apagaram seus fogos.

*Toda um vestiu para o que um dia chamou de lar
ou para o que sobrou dele.*

*E assim, entre os escombros da guerra,
começou a reconstrução.*

Não com celebração.

Mas com mãos trêmulas.

Com olhos que não se cruzavam.

Com corações rachados demais para confiar.

As cidades foram feitas com madeira úmida de fute.

As muralhas, com pedras arrancadas de antigos túmulos.

As canções, quando voltaram, vinham baixas, como sussurros envergonhados de existir.

Não houve vitoriosos.

Apenas sobreviventes.

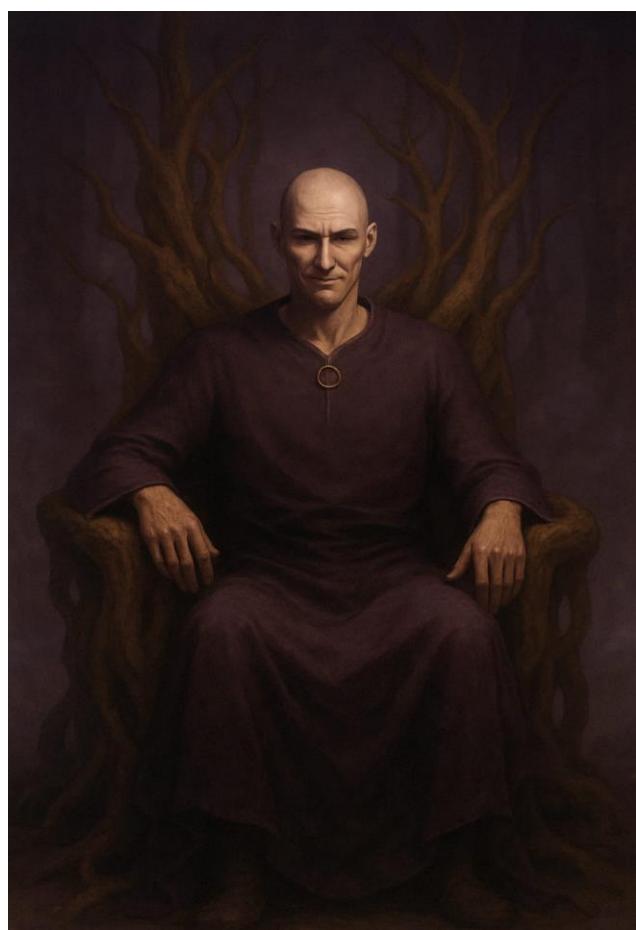
Apenas silêncio.

Um silêncio que não era paz.

Era ausência.

E sobre ele...

O Silêncio observava...



Um Sopro de Paz

O tempo, em sua dança lenta, levou mil anos.

Mil estações, mil colheitas, mil noites de sonhos entrecortados.

Em nesse intervalo, algo raro soprou sobre Ghogh Veh: paz.

Não era euforia.

Não era esquecimento.

Era apenas uma trégua profunda, como o suspiro que vem após um longo choro.

Toda povo, em silêncio, voltou-se de novo para Elvarin.

Na solidão de Himmel, sua presença nunca cessara.

Seus olhos viam.

Seu coração ouvia.

E quando as feridas se abriram demais para suportar,

foi sua voz gentil que acalmou os ventos.

Os eflus voltaram a dançar entre as fendas.

Mas seus olhos ainda carregavam umidade.

Os dragões voavam outra vez pelos céus incendiados de sol,

mas pousavam sempre mais próximos do chão.

Os sorrisos voltaram.

As crianças voltaram.

As sementes voltaram.

Mas as dores...

essas, não partiram.

Dormiam sob os alicerces das novas casas.

Sussurravam nos cantos das canções.

E ecoavam nos ossos dos mais velhos.

Foi paz.

Mas não foi cura.

E no centro de Himmel, sob as raízes da sabedoria,

Elvarin ainda sussurrava a quem quisesse ouvir:

“A vida deixa de fluir onde o silêncio se instala entre as almas.”



Capítulo 2 O raptô e a mentira

Parte I O Silêncio observa

O Silêncio observava, disfarçado de presença útil, a reconstrução das cidades. Seu olhar, mergulhado em trevas, carregava a raiva muda dos que invejam aquilo que não compreendem. Vigiava os elfos e os dragões, fingindo diplomacia, sorrindo com a máscara de conselheiro fiel, enquanto por dentro ardia em ódio seco.

A aproximação dos dois povos a Elvarin lhe era insuportável. Havia algo na luz daquele ser antigo suave e penetrante como o orvalho antes do amanhecer que lhe feria as entradas. Ouvir Elvarin falava era como mergulhar em luz demais: seus olhos doces cortavam como lâminas e sua voz abria fendas na escuridão que Silêncio guardava.

Era isso que o adoecia:

Não suportava o amor que não compreendia.

Não suportava a paz que não conseguia sentir.

E em sua fome vazia, acusava.

Acusava a coragem dos dragões como arrogância.

À pureza dos elfos como tolice.

E a luz de Elvarin... como provocação imperdoável.

Seu silêncio interior, antes escudo, agora era campo de batalha. A voz venenosa de seu ser o provocava em murmurios cortantes: "Tu não és como eles. Nunca será. Mas podes silenciá-los..."

E assim decidiu.

O amor de Elvarin, a coragem dos dragões, a beleza serena dos elfos tudo isso se tornaria, outra vez, estilhaço e fogo.

O Silêncio reiniciaria as batalhas.

Capítulo 2 - O rapto é a mentira

Parte 2 Zinnar caminha

Zinnar caminhava entre os escombros renascidos de sua terra. As pedras que antes choravam sangue agora sustentavam novas casas, novas pontes, novas esperanças. Ela seguia silenciosa, firme guiando seu povo como quem acolhe uma criança ferida: com firmeza e docura.

Mas dentro de si, Zinnar guardava o que ninguém via.

Um vale de perdas não ditas.

Um luto sem palavras.

Um amor partido.

Elle se aproximou novamente de Elvarin. Não por si, mas por sua gente. E ao chegar, viu que todos os povos, de diferentes vales e vozes, também estavam ali ao redor dele. Dragões, elfos, humanos... e até aqueles que antes se isolavam. Todos atraídos pela luz serena de Elvarin.

Zinnar não falou da dor. Não mencionou as mortes, as ausências, os gritos apagados na noite.

Mas Elvarin sabia.

Ele via além do silêncio.

Em uma das muitas conversas entre eles, à sombra de uma árvore antiga que havia sobrevivido às guerras, Elvarin a olhou com seus olhos eternos e disse:

Zinnar...

Quando tua alma abrir as comportas do coração...

Quando deixares que tua dor dance com a suz,

Quando sacrificares os teus rancores no altar do perdão...

Nesse dia, tua suz salvará o mundo.

Zinnar não respondeu. Apenas baixou os olhos.

Dentro dela, algo se mexeu.

Não era resposta.

Era inicio.

Capítulo 2 O rapto e a mentira

Parte 3 Oran caminha

Oran caminhava em direção a Elvarin como quem atravessa uma planície cheia de espinhos. Não havia reverência em seus passos havia peso. O peso de um nome que carrega sendas, batalhas, vitórias... e perdas.

Era o maior entre os dragões.

O general.

O símbolo.

E estava ali não por fé, nem por busca.
Mas por dever.

Seu povo acreditava em Elvarin. E por isso, ele também deveria acreditar — ainda que apenas em si mesmo.

Ao chegar, cruzou o lhar com Zinnar e desviou.
Com outros, sequer se importou.

Estava ali como uma montanha: imponente, impenetrável.
Mas dentro dele, o medo se erguia.

Não era o medo da morte.

Oran conhecia a morte, já a havia olhado nos olhos muitas vezes.
Era outro tipo de medo.
O medo de falar com os seus.

De ver seus dragões perderem a esperança.

De que sua força não fosse suficiente para reconstruir o que havia sido partido.

Na presença de Elvarin, não encontrava palavras.

A luz do velho o incomodava não por desprezo, mas por ameaça.

Elvarin não precisava de espadas para conquistar.

Isso, para um guerreiro, era desconcertante.

Mas mesmo calado, Oran ficou.

Porque em algum lugar, bem fundo, ele sabia:

a força dos próprios braços não cura feridas invisíveis.

E talvez... talvez a presença daquele velho fosse o único refrigerio possível para um povo que sangrou demais.

Capítulo 2 O rapto e a mentira

Parte 4 Silêncio rastejava.

O Silêncio rasteja

como fera que ruge como serpente que dança.

Sinuoso, quase belo.

Esavaziado de alma, cheio de astúcia.

Escoregava entre sombras e raízes, ouvindo demais, falando pouco...

E contaminando tudo.

Cada gesto de Zinar.

Cada silêncio de Oran.

Cada cansaço oculto nas feições de Elvarin.

Nada lhe escapava.

E ali, entre idas e vindas, o Silêncio viu sua chance.

Zinar e Oran, separados pela dor, unidos apenas na distância de suas visitas ao velho

Elvarin.

Alvos perfeitos.

O planalto foi selado em sussurros impuros.

Com ele, dez figuras saídas das profundezas de Nharak'Zul, criaturas amaldiçoadas, formadas de trevas condensadas, que andam entre os vivos como fantasmas que esqueceram o caminhar de volta.

Eles são o Conselho Sombrio — o Supremo Poder de Nharak'Zul.

É agora, braços do Silêncio.

O ataque foi preciso.

Rápido.

Sem vestígios.

Zinar e Oran foram levados.

É o mundo parou.

A notícia caiu como pedra em sagu casmo:

o som da queda ecoou em cada vale.

É com esse, o veneno.

Semeado sutilmente pelo próprio Silêncio:

“Foram os dragões. Eles tomaram Zinar para dominar os elfos.”

“Foram os elfos. Oran foi traído por sua arrogância.”

“Cada povo sequestrou o líder do outro.”

“Só há um caminho: a guerra.”

É os corações, ainda frágeis, começaram a sangrar de novo.

As feridas que cicatrizavam lentamente se abriram com a sembrança da dor.

As dúvidas se tornaram armas.

É o grito da guerra se insinuava nas margens da razão.

O Silêncio sorria.

Como quem planta a mentira e rega com medo.

Capítulo 3 - As masmoras do vazio

Parte I O silêncio voltou

O chão era frio.

O ar, espesso.

O cheiro de mofo e sangue velho preenchia o silêncio.

Zinar abriu os olhos primeiros.

Mas não moveu o corpo.

Reconhecia o tipo de escuridão que havia ali não era apenas falta de luz, era ausência de esperança.

Oran, em outra cela, despertou em sobressalto.

O som de sua respiração pesada ecoou pelas pedras úmidas.

Seus olhos buscaram saída. Seus punhos cerraram-se.

Quando avistou Zinar, sua expressão endureceu.

Foi você, disse ele com os dentes cerrados.

Zinar não respondeu.

Avançou até as grades, segurando os ferros com força, como se pudesse partilhos com o ódio.

Você entregou meu povo, ela cuspiu, finalmente.

Então vieram os gritos.

As acusações.

As ameaças.

E as grades receberam socos, chutes, investidas cheias de dor e desespero.

Quanto mais atacavam, mais se feriam.

Quanto mais gritavam, mais a masmorra parecia rir.

Até que o cansaço os derrubou.

Corpos no chão. Sangue nas mãos. Alma em ruínas.

O silêncio vestou.

Mas não o silêncio da paz o silêncio da impotência.

E mesmo así, feridos e amedrontados, não falaram mais.

Guardaram o medo e o orgulho dentro de si.

Porque se odiavam.

E não conversariam...

Nem para se salvar.

Capítulo 3 As masmorras do vazio

Parte 2 O Espelho

Zinar e Oran estavam desorientados.

A escuridão da masmorra era quase um reflexo da confusão que carregavam por dentro.

Não sabiam quem os prendeu.

Não sabiam por quê.

Mas sabiam odiar.

E os fizeram bem.

Foi você! Sempre foi você! gritou Zinar, com a voz quebrada.

Vocês sempre se colocam como vítimas! E nos tratam como monstros! respondeu Oran, cuspido palavras como lâminas.

Eles se feriam.

Mas não fisicamente.

Era mais profundo.

Dores antigas, rancores guardados por gerações, segredos sufocados por séculos...

Tudo explodiu.

As palavras não eram mais acusação.

Eram desabafo.

Vomitaram o veneno que cultivaram com zelo.

Gritaram as mortes, as traições, os silêncios.

E então, algo mudou.

Naquela troca amarga, começaram a escutar.

Primeiro sem querer.

Depois sem conseguir evitar.

O que saía da boca do outro parecia, de repente... familiar.

A dor era parecida.

A perda, semelhante.

A angústia, gêmea.

Então veio a pergunta

uma que nenhum dos dois ousava dizer, mas que pulsava como ferida aberta:

"Por quê?"

Nesse instante, o silêncio mudou.

Não era mais o silêncio do ódio ou da prisão.

Era o silêncio que vem depois do choro.

Um silêncio que prepara o terreno para a verdade.

Foi aí que ouviram.

Não com os ouvidos, mas com a alma.

A voz de Evarin ecoou entre as pedras frias da masmorra e os ossos quentes do coração:

"Esvaziai-vos do ressentimento..."

"Buscai alívio em falar convosco mesmos..."

"Não silenciem seus corações..."

Eles não responderam.

Mas pela primeira vez...

se ouviram.

Capítulo 3 As masmoras do vazio

Parte 3 Zinnar e Oran se casaram

Como crianças que quebraram algo precioso, Zinnar e Oran se casaram.

Não por paz.

Mas por vergonha.

E nem sabiam bem do quê.

À dor havia cedido espaço a um vazio estranho.

Um desconforto nos ossos, como se carregassem uma cuspa antiga e sem nome.

Sem se olharem, aquietaram-se em suas celas.

O tempo, que antes não importava, agora começava a pesar.

Diáus haviam passado..?

Os corpos doíam.

As feridas ardiam.

E a mente... começava a trabalhar.

Zinnar contou os sons.

Oran analisou a pedra da parede.

Ambos perceberam: a comida era pouca, ruim, e vinha por uma abertura que nunca se repetia.

Havia cheiro de enxofre nos ventos que cortavam a escuridão.

O som do fundo da terra sussurros, rangeres, algo vivo e antigo deixavaclaro onde estavam.

Nharak'Zul...!?

E então a dúvida virou verdade.

O silêncio, aquele conselheiro sorridente, aquele que dizia pouco mas sempre presente. . .

*E*stava envolvido.

Sempre esteve.

Zinar se lembrou dos conselhos sutis.

Oran das palavras cuidadosas.

*E*ambos perceberam: nada do que ele dizia realmente ajudava.

Suas palavras nunca curavam.

Nunca apaziguavam.

Ajudava, sim mas tudo sempre piorava.

O engano caiu sobre eles como um lençol molhado de vergonha e raiva.

Como fomos tão estúpidos? pensou Zinar.

Como pude ser tão cego? se amaldiçou Oran.

E ali estavam.

Presos.

Não apenas em celas de pedra. . .

Mas na constatação de que o verdadeiro inimigo caminhava ao lado deles

o tempo todo.

Capítulo 4 Tão Véu

Parte 1 Ghogh Véh chora

As planícies de Ghogh Véh tremiam.

O céu, antes violeta e sereno, tingia-se agora de um vermelho disuído em fumaça e fúria.

Sylavarin e Drakoryn outrora guardiões do sopro da vida lançavam-se numa nova guerra.

Ainda mais furiosa. Ainda mais surda.

Nada ecoava além dos gritos e das lâminas.

No alto de Himmel, sob a luz fraca da terceira sua, Elvarin observava.

Seus olhos de tempe choravam em silêncio.

A espiral da sabedoria, aquela que tantos buscaram, agora girava em vão, sem mãos que a acolhessem.

Eles não ouvem mais... sussurrou à noite. Perderam-se no silêncio das dores antigas e dos medos recém-despertos.

Em Drakoryn, Iron rugia de ódio e urgência.

Suas asas, antes resplandecentes, agora queimavam no ar como brasas vivas.

Lutava como filho. Como herdeiro. Como fera.

Iron, seu pai, estava em perigo e o tempo dos dragões não permitiria hesitação.

Em Sylavarin, o trono jazia vazio.

Entre raízes despedaçadas e flores caídas, os Seais conselheiros lutavam com espadas nas mãos e desespero no peito.

A floresta, que um dia cantava com o vento, agora gemia.

Ghogh Véh chorava.

Chorava por seus filhos que esqueceram as palavras.

Chorava por sua línguagem esquecida.

Chorava por não saber mais como ser casa.

Capítulo 4 Tão Véu

Parte 2 Os Dez Ministros do Silêncio

Na sala de pedra escura, as tochas tremeluziam como se temessem a própria existência. Assi, reunidos em círculo irregular, estavam os Dez Ministros do Silêncio figuras envoltas em mantos cinzentos, com olhos fríos e bocas sempre cheias.

Redeavam seu Síder como serpentes enroscadas em torno de um trono invisível.

Sussurravam elogios, mentiras e venenos com voz aveludada, palavras sapidadas pela vaidade e pela astúcia.

Silêncio, o soberano da ausência, ouvia com olhos semicerrados.

Seu rosto era máscara e mármore.

Sob o manto negro que caía como sombra viva sobre seus ombros, seu peito inflava-se de orgulho.

Nunca, nem mesmo nos mais crusados presságios, esperara ver tamanha ruína entre Sylavarin e Drakoryn.

Dois povos em guerra, surdos ao clamor de Elvarin... murmurava um dos ministros, escorrendo palavras como veneno doce.

Dois síderes em cativeiro. Dois tronos à deriva... completava outro, com voz que parecia ervalho sobre lâminas.

Silêncio sorriu. Um sorriso rarefeito, esculpido no vazio.

Estava embriagado não por vinho ou sangue, mas pelas palavras que seus ministros semeavam em seus ouvidos como pragas disfarçadas de flores.

Ele acreditava.

Acreditava que havia vencido.

Acreditava que Oran e Zinar, agora acorrentados nas profundezas, haviam sido sepultados não apenas em corpo, mas em espírito.

Que os gritos de Ghogh Veh seriam a sinfonia de sua coraçao.

E assim, envolto na arrogância e no deseite da destruição, Silêncio se ergueu.

Com passos lentos, ceremoniais, desceu os degraus que levavam às masmorras.

Lá, acreditava, jaziam dois reis derrotados.

Lá, sonhava ele, nascia um novo tempo um tempo mudo, sem alma e sem retorno.

Capítulo 4 Tão Véu

Parte 3 Sílêncio... fala

O silêncio era frio.

Não o frio comum das pedras, mas aquele que se infiltra nas entradas, que parece vir de dentro.

Odores de medo, sangue seco e dor apodrecida habitavam cada fresta da masmorra.

Oran e Zinnar não sabiam há quantos dias estavam ali.

Na verdade, ali, o tempo não existia.

Não havia noites ou dias. Não havia sonos, nem sonhos.

Apenas os próprios pensamentos se repetindo como martelos dentro da mente.

De tempos em tempos, sons ecoavam pelas paredes:

batidas distantes, gritos de crianças, uivos de feras ou seriam lembranças?

Tudo era fúgido. Tudo era névoa.

Nas paredes, surgiam visões.

Torturas.

Imagens esculpidas pela própria mente ou forjadas por Sílêncio, ninguém saberia dizer.

Era como se o próprio lugar respirasse sofrimento.

Então, um estrondo.

Lá no alto, onde a escuridão parecia eterna, uma enorme porta se abriu com um rugido seco.

E por ela entrou uma fúgida de luxo violenta como verdade, breve como esperança.

Passos leves se seguiram.

Tão leves que mais pareciam folhas caindo.

Uma sombra descia, degrau por degrau, em silêncio absoluto.

À sombra tornou-se figura.

É a figura, presença.

Silêncio.

Ele parou diante das celas.

Observou seus prisioneiros.

É por um instante, seu rosto sempre impassível se contorceu num esboço de riso.

Uma gargalhada contida, cruel e vaidosa.

Oran se lançou contra as grades, num impulso cego de fúria.

As garras cortaram o metal, mas foi ele quem sangrou.

A dor o fez recuar, mas o lâshar permaneceu fixo, ardente.

Zinnar apenas observava.

Mas dentro dela, algo se movia.

Algo que não vinha da dor, nem do ódio.

Vinha da lucidez.

Então, ela viu.

Silêncio nunca dissera uma palavra verdadeira.

Ele apenas sussurrava o que ela já temia.

Usava os espinhos que ela mesma escondia.

Dizia o que ela queria ouvir, o que já estava envenenando seu peito há anos.

Silêncio só precisava do veneno. O resto, ela fez sozinha.

Ela olhou para Oran.

E, pela primeira vez, viu nela o que sempre tentara negar:

Ela fazia parte dela.

Na dor.

Na raiva.

Na fúria cega que os conduziu até aí.

Foi então que Silêncio falou.

Sua voz era sutil e cortante como lâmina de vento.

Dois reis caídos. Duas almas cegas. Dois corações que se acham grandes demais para ouvir.

Tairam por orgulho. Tairam por egoísmo. E por Elvarin... ah, Elvarin!

Onde está o vosso mestre agora?

De que servem os olhos que não veem? Ou os corações que não escutam?

Àquelas palavras não eram apenas zombarias.

Eram verdades.

Verdades ditas para ferir.

Verdades que Oran sentiu como uma lâmina em seu peito.

A dor era nova.

Não vinha do corpo vinha de dentro.

Lembrou-se, então, de quando Elvarin falava com ele.

Com aquela voz calma, firme, cheia de luxo:

"Abra seus olhos.

Outra seu coração.

Abraixé seus escudos.

Segure minha mão..."

Mas ele nunca segurou.

E agora, era tarde demais?

Capítulo 5 Despertar

Parte 1 Iron tombou

O campo de batalha não tinha horizonte.

A fumaça, tingida de sangue e cinzas, escondia o céu.

O solo, pisoteado por garras, cascos e raízes, já não era da terra era da guerra.

A fúria havia se tornado senhora de tudo.

Iron, filho de Oran, cortava o ar com a rapidez de um raio.

Cada golpe seu era um trovão.

Seus olhos não hesitavam, seus músculos não tremiam.

Era jovem, mas carregava em si a força bruta dos dragões mais antigos.

E, no entanto...

A Igo estava errado.

Quanto mais ele lutava, mais o caos parecia crescer ao redor.

Sylavarin e Drakoryn lutavam como feras famintas, mas a balança não pendia.

Ambos se feriam.

Ambos sangravam.

Ambos perdiam.

Não havia vitória.

Apenas perda.

E ninguém percebia.

Ninguém via as sombras deslizando entre os corpos.

Ninguém notava os golpes que vinham do nada.

Ninguém entendia que estavam sendo atacados por um inimigo que não carregava bandeira.

Dos flancos da névoa, vinham guerreiros disformes, encapuzados, olhos ocios.

Eram os escravos do Silêncio.

Guiados pelos Dez Ministros, moviam-se como espectros, atingindo elfos e dragões com a mesma crueldade.

Não gritavam.

Não choravam.

Apenas golpeavam — como se servissem a um deus surdo.

O chão de Ghogh Véh tremia.

Não pelos passos da batalha...

Mas pelo lamento do mundo.

Sylavarin sangrava.

Drakoryn sangrava.

Ghogh Véh chorava.

*Então, em meio à fumaça espessa e ao som distante de um trovão contido,
Iron foi emboscado.*

*Os Dez Ministros do Silêncio, envoltos em mantos que pareciam absorver a própria luz,
romperam a névoa e o cercaram como um círculo de sombra viva.*

O jovem dragão não teve tempo de reagir.

*Seus olhos ainda ardiam com a fúria da luta, mas seu corpo não resistiu ao feitiço sombrio
que o atravessou como gelo.*

Iron tombou...

Silenciosamente.

Como caem os heróis nos contos esquecidos.

Como caem os filhos quando a escuta se rompe.

Capítulo 5 Despertar

Parte 2 Silêncio sorriu

*Enquanto a guerra devorava os campos do Vale do Silêncio,
enquanto o sangue dos elfos se misturava ao dos dragões,
enquanto as raízes choravam e as asas tombavam sob as lâminas ocultas,
nas profundezas esquecidas da terra, Silêncio descia.*

Não como sombra, mas como espectro de si mesmo.

A masmorra o recebeu em seu ventre frio.

Tochas queimavam com medo.

O ar estava denso feito de poeira, sofrimento e verdades malditas.

Diante das celas, Silêncio se postou.

Zinnar e Oran, feridos em corpo e alma, o encararam como se olhassem o próprio erro.

Silêncio sorriu. Desta vez, não se conteve.

Deixou o orgulho escorrer por sua voz

uma voz amarga, cheia de vaidade, distorcida pela inveja que guardava desde sempre.

Vejam vocês dois, disse, cuspido palavras como facas.

Tão grandes. Tão nobres. Tão cegos.

Ele andava lentamente, tocando as grades como se já fossem coroas.

Eu nunca quis ser como vocês, confessou.

Nunca quis aprender com seus esforços. Nunca quis evoluir.

Mas o brilho de vocês me feria. A grandeza de vocês me lembrava da minha miséria.

É isso... isso era imperdoável.

Zinnar cerrou os olhos.

Oran se ergueu, mesmo com o corpo em ruína.

Silêncio continuou:

Eu venci. Pisei sobre vocês. Apaguei a luz que desnudava minhas trevas.

Abafei a voz de Eslarin.

Agora, será a minha voz ou a ausência dela que os povos ouvirão.

Silêncio reinará.

Não como sabedoria, mas como veneno.

Não como espaço de escuta, mas como prisão.

Ele se aproximou da cela.

Deus olhos, antes apagados, ardiam com uma fúria doentia.

Sabem o que é reinar? sussurrou, curvando-se diante dos prisioneiros.

É esmagar. É casar. É rir da dor que vocês me ensinaram a sentir.

Então, gargalhou.

Uma gargalhada funda, vazia, estridente como ferro contra osso.

Zinnar...

Os teus já não vivem. Um a um, os fui apagando, esmagando. Ouvi cada súplica, cada grito abafado nas matas que já não cantam.

Zinnar tremia. Mas não de medo de algo mais antigo. Mais profundo.

Então, Silêncio virou-se para Oran.

Deu olhar cravou-se no dragão vencido.

É a estocada final caiu como gelo queimando:

É para você, herói aíado...

Iron...

Iron tombou.

Filho do Dragão...

Filho do Silêncio...

O tempo pareceu parar.

Na masmorra, a respiração cessou.

Eslarin, mesmo distante, pareceu curvar-se em dor.

É no fundo da alma de Oran... algo começou a acordar.

Capítulo 6 A Visão

Parte 1 Zinnar ouviu

O que se rompeu não foi o corpo.

Foi o que o corpo protegia.

Oran caiu de joelhos.

Não por cansaço.

Não por submissão.

Mas por algo que explodiu dentro do peito uma dor tão atraente que rasgou o tempo.

Seu corpo curvou-se como pedra trincada, prestes a se desfazer.

Mas ele não chorou.

Um dragão não chora.

Silêncio, diante da cena, abriu os braços como se recebesse uma oferenda.

Acreditava que o rei vencido se ajoelhava diante de sua grandeza.

Não via a morte nos olhos do dragão.

Por um instante, Oran não estava mais ali.

Tudo se calou dentro dele.

Sem dor. Sem som. Sem carne.

Foi breve.

Foi eterno.

Zinnar o shava, estática.

O mundo à volta parecia distante, embracado.

Mas ela ouviu.

Ouviu o grito que não saiu da garganta de Oran.

Ouviu como se ele fosse parte dela.

Sentiu a dor dele em cada fragmento da própria alma.

Reconheceu marcas, gestos, micro expressões memórias que não lembrava possuir.

Então, algo nela se esvaziou.

O ódio por Oran.

A mágoa por seu povo.

A raiva de si mesma.

Até mesmo o rancor por Silêncio.

Ela ouviu uma voz.

Não uma voz que vinha de fora.

Mas de dentro.

Uma voz que sempre esteve ali, abafada pelas camadas de dor e orgulho.

Elvarin.

Não era uma mensagem.

Era um chamado.

Um eco suave e firme, como o vento tocando um sino esquecido.

Zinnar respirou.

E viu.

Silêncio não era apenas um inimigo externo.

Era parte dela.

Tinha vivido dentro dela.

Tinha se alimentado dela.

E agora... ela via.

Sem ódio.

Sem vingança.

Com paz.

Pela primeira vez, Zinnar se perdoou.

Por ter escondido ser silêncio.

Por ter deixado de escutar.

Então, ela olhou para Silêncio.

Não com desafio.

Não com temor.

Apenas com verdade.

E ele... sentiu.

Silêncio sentiu o olhar.

E algo se quebrou dentro dele.

Seu sorriso escorreu do resto como tinta diluída.

Não entendia o que acontecia.

Mas sentia.

Foi derrotado.

Não por armas.

Mas por algo que ele não sabia nomear.

Virou-se abruptamente.

E fugiu.

Subiu os degraus apressado, como se as sombras o perseguissem.

Antes de desaparecer, lançou um último olhar para as celas.

E por um segundo, sentiu a presença de Elvarin.

Como um sopro que não fazia sentido.

Como um som que ele não queria ouvir.

Fechou as portas com força.

Como se trancasse consigo mesmo e que acabara de sentir.

Capítulo 6 À Visão

Parte 2 Elvarin está em tudo

Oran não sabia se havia morrido ou voltado de algum lugar onde a morte sequer ousa entrar.

Seu corpo tremia, não de frio, mas de exaustão e agonia.

Cada músculo parecia feito de lâminas finas, esticadas ao limite cortando, estalando, vibrando.

Então, a visão.

Como um filme dançando em sua mente, ele viu Iron, pequeno, de olhos intensos, nos braços de Frésia.

Lembrava-se com clareza do dia em que ela lhe entregou o filho com um sorriso entre o cansaço e o orgulho.

Frésia, sua companheira, sua guerreira, que partira no mesmo instante em que dera à luz.

À guerra... não era lugar para nascimentos.

Iron cresceu entre corridas e batalhas.

Entre dentes cerrados e gargalhadas escandalosamente sardas.

E Oran ainda ouvia aquela risada.

Como um eco dentro da dor.

Como uma estrela acesa em meio ao colapso.

À dor o consumia.

Mas ele não se moveu.

Não viu Silêncio partir.

Não soube que fora deixado para trás.

Não soube se se passaram horas, dias ou vidas.

O tempo parou.

Dentro e fora dele.

Então, algo mudou.

Um sopro leve tocou seu rosto.

O mesmo sopro que ele sentia quando Elvarin se aproximava.

Uma voz mansa e profunda surgiu não no ar, mas dentro dele.

E, paradoxalmente, ele a sentia também do lado de fora.

Como se Elvarin estivesse em tudo.

Oran ergueu a cabeça com esforço.

À névoa ao redor começou a se dissolver.

Então, viu Zinnar.

Elia o olhava.

Seus olhos não pediam desculpas.

Não ofereciam desculpas.

Não se justificavam.

Ela apenas estava ali.

E naquele instante, ele recuou instintivamente.

Sentiu-se exposto. Ferido. Vulnerável.

Não preciso da sua piedade! gritou, como um animal acuado.

Mas Zinnar sorriu.

Um sorriso tão antigo.

Tão novo.

Um sorriso que Oran não via desde os dias em que os reinos ainda se tocavam em paz.

E então ele viu.

Zinnar brilhava.

Não com luz física mas com um poder que se expandia em ondas.

Um poder suave e avassalador.

Era como ver uma árvore florindo sob a neve.

As paredes da cela dela começaram a vibrar.

A energia se espalhava... e chegava até ele.

Oran ofegou.

Podia sentir o poder dela invadindo sua cela

Mas havia mais.

Um eco.

Uma segunda vibração, mais profunda, mais antiga.

Elvarin.

Zinnar e Elvarin, unidos.

Oran se ergueu num salto desesperado, os olhos arregalados de medo.

Pare! Zinnar, pare! Você vai morrer!

Mas Zinnar sorria.

Com ternura.

Com certeza.

El então disse:

Agora eu entendo...

O que é o sacrifício necessário.

Capítulo 6 A Visão

Parte 3 Oran escutou

O brilho de Zinnar não cessava.

Pelo contrário expandia.

Como se cada memória sua, cada dor vencida, cada camada de culpa dissolvida, se transformasse em luz.

A pedra da masmorra começou a vibrar.

Primeiro, suavemente.

Depois, como um tambor antigo, despertando uma música esquecida.

Oran recuou até o fundo de sua cela, as mãos trêmulas.

Não era medo.

Era reconhecimento.

O que Zinnar irradiava não era destruição era verdade.

E a verdade sempre assusta.

As paredes das celas se tornaram translúcidas, por um instante.

Era como se os limites físicos estivessem se dissolvendo junto com os antigos pactos de dor.

Então...

uma terceira presença se fez sentir.

Elva não surgiu com suz.

Nem com som.

Elva se revelou.

Elvarin.

Não como corpo.

Não como espírito.

Mas como presença absoluta.

Oran sentiu a vibração percorrendo sua pele como vento em campo aberto.

Zinnar fechou os olhos e respirou fundo, como se recebesse uma bênção.

Elvarin não disse palavras.

Ele estava.

E ao estar, libertava.

As grades começaram a trincar não com violência, mas com suavidade.

Como se cedessem diante da vida.

O mundo em volta parecia mais amplo.

Mais clare.

Mais... possíveis.

Oran, ainda ajoelhado, olhou para Zinnar.

Àquela mulher, que ele chamara de inimiga por tanto tempo, agora se tornava a única coisa verdadeira naquele mundo de escuridão.

Essa não era inimiga.

Nunca fora.

Zinnar abriu os olhos, e eles se encontraram.

*Oran, ela disse, com voz baixa e firme,
estamos livres.*

Mesmo antes das grades ruírem. Estamos livres... porque agora escutamos.

E ele escutou.

*Pela primeira vez em toda a sua existência,
Oran escutou*

Capítulo 6 A Visão

Parte 4 A marca

Zinnar sentia seu poder se espalhar como um rio de fogo suave, incontrolável e sagrado.

Sabia o que estava fazendo.

Sabia o preço.

E mesmo assim, sorriu.

Seu último sorriso naquele estado de forma, carne e dor.

Então, se transformou.

Não morreu.

Não partiu.

Transmutou-se.

Tornou-se luz pura.

Brilho que não cegava, mas revelava.

Força que não esmagava, mas libertava.

A luz atravessou as grades,
atravessou as fissuras da cela de Oran,
e atingiu seu peito.

Direto.

No centro.

Como um sopro sagrado.

Como uma flecha de amor.

Dentro de Oran, não havia mais espaço para resistências.

Asuz se espalhou como memória viva.

Ele viu a vida de Zinnar.

Sentiu seus medos, seus erros, seus sonhos.

E percebeu como eram parecidos.

Tão diferentes por fora.

Tão iguais no âmago.

Suas histórias se entrelaçaram.

Suas dores se fundiram.

E algo quebrou dentro dele.

Com violência.

Com amor.

As armaduras invisíveis

aquela que ele construirá ao longo de mil dores,

mil derrotas,

mil orgulhos

rachou.

E então... ele urrou.

*Um urro que não era apenas de dragão.
Era de alma.*

*Tão alto,
tão visceral,
tão verdadeiro
que atravessou as muralhas da masmorra,
rachou suas pedras,
e foi ouvido pelos dois exércitos ainda em guerra.*

*E por um instante...
a guerra parou.*

*O som do urro ecoou nos corações de elfos e dragões.
E algo se casou dentro de cada um.*

Oran caiu de joelhos.

*Mas não por dor física.
Não por humilhação.*

Caiu porque chorava.

Pela primeira vez, o dragão chorava.

A dor de mil vidas se rompeu em um único choro.

E ao escorrer pelo seu rosto,

a primeira lágrima queimou sua pele.

Onde ela tocou, abriu-se um caminho.

Uma marca.

À forma de um raio, prateada e cintilante,

com a pele de Zinnar.

À pele de um povo.

Capítulo 7 O Chamado

Parte 1 Algo havia mudado

*Do lado de fora das murashas do Silêncio,
o campo de batalha se casava.*

*Effos e dragões, inimigos há gerações,
sentiram ao mesmo tempo uma dor profunda e inexplicável.
Uma dor que não vinha dos corpos...
mas do lugar onde a alma pulsava.*

*Um a um, caíram de joelhos no solo rachado.
Não por derrota,
mas por algo mais forte
algo vital.*

*Seus restos queimavam.
Como se uma chama invisível os marcasse por dentro e por fora.*

E então se esfriaram.

O que viram não era sangue, nem ódio, nem medo.

Era espelho.

Nos restos dos dragões,

*surgia uma cicatriz em forma de raio azul,
com a textura desicada da pele dos elfos.*

*Nos rostos dos elfos,
formava-se uma cicatriz semelhante
um raio verde petróleo, com escamas sutis, como pele de dragão.*

Eles se tocaram.

Sentiram no outro o que sentiam em si.

Atordoamento.

Dores antigas.

Sentimentos esquecidos.

*Era como se toda a história de seus povos
a beleza e a tragédia
estivesse pulsando agora na carne de cada um.*

Eles não sabiam explicar.

Mas sabiam. . .

que algo havia mudado.

Capítulo 7 O Chamado

Parte 2 Oran inteiro

Oran se levantou.

Ainda sentia o corpo em brasa, o coração latejando no peito como um tambor ancestral.

Mas não havia mais peso.

E Ivarin havia chegado, um dia, com voz suave e firme:

O silêncio mais perigoso... é aquele que mora dentro de nós.

Naquele tempo, ele não entendeu.

Hoje, entendia tudo.

A armadura que ele carregava não foi arrancada por inimigos.

Ela se partiu de dentro para fora.

E isso o libertou.

Agora ele via com clareza:

Sempre foram um só povo.

E fós e dragões.

Herdeiros da mesma escuta.

Da mesma fonte.

Do mesmo sepro.

*Enquanto ouviam Elvarin,
caminhavam como irmãos.*

*Mas quando se afastaram...
ouviram apenas seus próprios medos.*

*E foi nesses medos que Silêncio encontrou abrigo.
Não como criador da dor.
Mas como eco dela.
Assimeto sombrio das sombras já existentes.*

*Oran sentia agora em si dois poderes pulsando:
O seu próprio, nu, sem couraça.
E o poder que Zinnar lhe confiara ao se fundir em suz.*

Ele olhou para os grishões.

Eles não o seguravam mais.

Com um leve movimento, eles se partiram, como folhas secas.

Oran ergueu-se como um novo ser.

*Não era mais o general.
Nem apenas o pai.
Nem só o dragão.*

Era Oran inteiro.

É com esse novo espírito, partiu.

Caminhou pelas masmorras como se os passos seguissem um chamado interior.

Ja atrás de Silêncio.

Mas não para vence-lo.

Não para destruí-lo.

Ja para encará-lo.

Com olhos nus.

Com coração aberto.

Com alma liberta.

Pois agora ele sabia como Zinnar seubera antes:

Silêncio fazia parte dele.

Era espelho.

Era sombra.

Era passado.

Mas hoje...

Oran não precisava mais dele.

Capítulo 7 O Chamado

Parte 3 Oran venceu

Oran caminhava.

Os corredores úmidos e sombrios da muralha do Silêncio se estendiam diante dele como um velho mapa que ele conhecia de cor.

Mas agora, seus passos eram calmos.

Sem pressa. Sem medo. Sem ódio.

À cada sala que atravessava, a cada curva de pedra, parecia se despedir de uma parte de si.

Não apenas do lugar,

mas das fortalezas e cativeiros que ele mesmo construirá por dentro.

Andava como quem se despede de uma prisão que também foi abrigo.

Como quem entende que a guerra também mora no coração.

É que é lá que se vence primeiro.

À sair das profundezas, a luz do dia o recebeu como uma bênção silenciosa.

O céu ainda carregava os restos da guerra.

Mas o ar...

o ar era outro.

À longe, no alto do trono sombrio,

Silêncio apertava os braços de pedra da cadeira como se pudesse lhe dar força.

Seus Ministros haviam fugido.

Tchardes.

Como sempre foram.

Silêncio estava só.

Sempre estivera.

Agora, ouvia os passos de Oran.

A cada batida, sentia a própria essência encolher.

O perfume de Zinnar.

A presença de Eshvarin.

O amor.

Tudo isso misturado no corpo que se aproximava.

Um corpo sôbrio.

Uma alma inteira.

E Silêncio... não suportava.

Oran chegou.

Ficaram frente a frente.

Por um instante, o mundo pareceu conter o fôlego.

Então, Silêncio atacou.

*Avançou como fera ferida, como ego que se recusa a morrer.
Brandiu a espada, gritou, cuspiu palavras como fôminas.*

Você me nega! Você me renega! Você é meu!

Mas Oran não recuou.

Ele estava así.

Inteiro.

*Cada golpe que Silêncio desferia era uma memória tentando ressurgir.
Uma mentira voltando para gritar.
Mas nada o atingia.*

Porque ele já não era mais o mesmo.

*E então, num só gesto
sem violência, sem raiva, sem sombra
Oran venceu.*

Silêncio caiu de joelhos, como sombra dissolvida no amanhecer.

*Não havia sangue.
Não havia glória.
Apenas o fim de um ciclo.*

Oran respirou.

E pela primeira vez em toda sua vida...

o silêncio dentro dele era paz.

Epílogo

Ruínas do Silêncio

As muralhas já não existiam.

Onde antes se erguia a fortaleza de pedras frias, agora sobravam apenas ruínas.

Fragmentos quebrados de orgulho, medo e dor.

E o vento — sempre ele — soprava como se varresse o último eco do que ali acontecera.

Oran saiu das sombras do que fora o reino do Silêncio.

Tansado.

O corpo ferido.

A alma exausta.

Mas vivo.

Inteiro.

Renascido.

Preparava-se para reencontrar seu povo,

para caminhar entre os sobreviventes,

quando, diante dele,

como se sempre tivesse estado ali,

estava Elvarin.

No resto do velho guardião, duas marcas cintilavam:

Um raio azul, como o dos dragões.

Um raio verde petróleo, escamado, como o dos elfos.

Oran parou.

Os olhos se encheram de água antes que percebesse.

E então, caiu de joelhos diante de Évarin.

Chorou.

Pela segunda vez em sua vida.

Chorou pelo passado,

pelo presente,

mas, sobretudo...

pelo futuro.

Um futuro que se erguia diante dele como neblina incerto, misterioso, vasto.

Évarin se aproximou.

Tocou seus ombros com ternura.

E o ajudou a se levantar.

Então o abraçou.

E choraram juntos.

Dois tempos.

Dois mundos.

Dois corações em silêncio verdadeiro.

Quando Évarin se afastou, seus olhos já anunciavam o próximo passo.

*Tirou de dentro do manto a coroa de Zinnar
feita de ouro e raízes vermelhas entrelaçadas.*

Sem palavras, colocou-a no braço de Oran.

Como se selasse nese um pacto.

Não de poder,

mas de cuidado.

Oran não entendeu.

Virou-se...

É aí, diante dese,

estava a multidão.

Élfos e dragões.

Juntos.

De pé.

Agacharam-se.

Esperavam.

Agardavam que seu Rei General os conduzisse.

Évarin, então, falou.

Sua voz era suave, mas ressoava como vento sagrado:

Vá, Oran.

Conduza nosso povo.

Reconstrua as cidades.

Proteja suas famílias.

É fique atento...

Ouça este velho Évarin.

Oran riu.

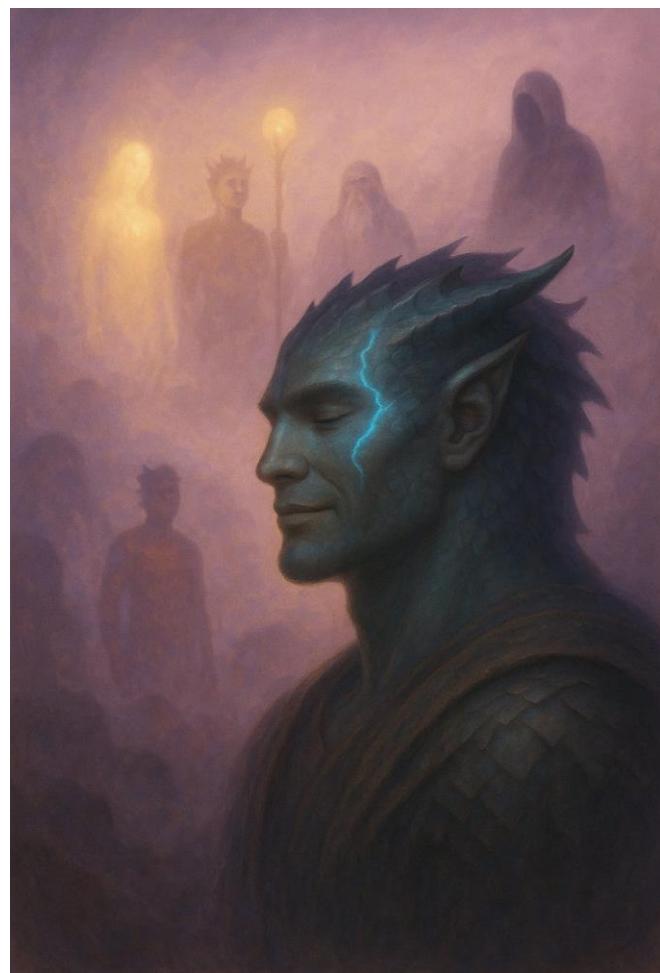
Envergonhado.

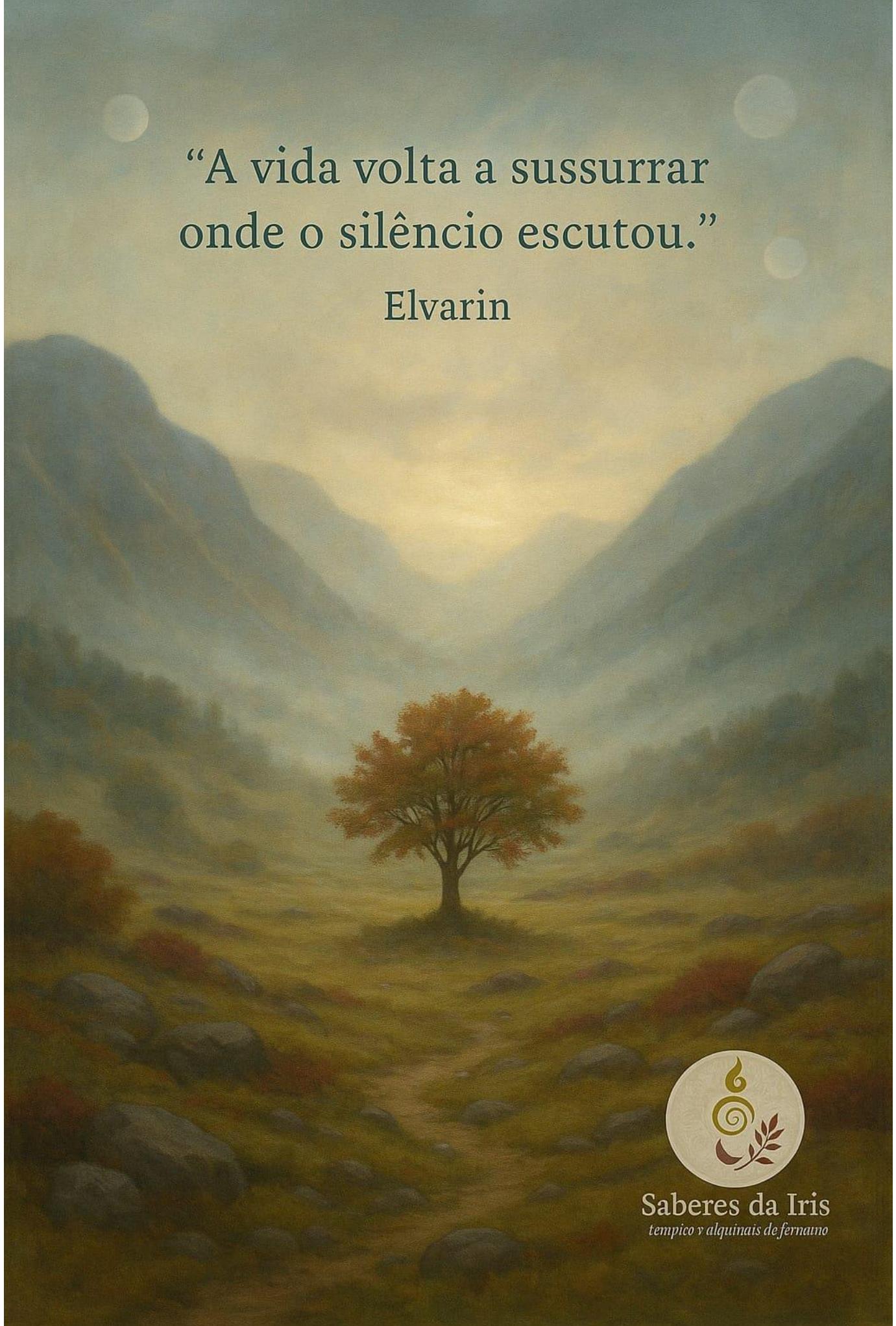
Porque por tanto tempo...

chamou Elvarin de vêlho.

Ele nunca o ouvira de verdade.

Hęje ele escutava...





“A vida volta a sussurrar
onde o silêncio escutou.”

Elvarin



Saberes da Iris
tempico y alquinalis de fernano